

DOIS DIAS

RUBEM BRAGA

1232
Houve um sábado e um domingo, que são dias que dão vontade de viajar e ao mesmo tempo de comprar para sempre uma imensa casa com árvores seculares e enormes cães negros, um dos quais seria morto com o tiro de uma velha e potente espingarda na primeira noite escura de agosto, enterrado na terra preta do fundo do quintal ainda pela madrugada, enquanto os outros em volta ganissem e uivassem longamente.

A manhã amanheceu polida e clara como pedra longamente relada no correjo dos tempos, como perola surgida do ventre azul-escuro da noite aspera. Cortam a noite de bondes e bebados, espetam todo seu corpo de luzes elétricas, arripiam-na com disparadas de lotações chacoalhantes e depois lhe cobram dignidade. E' por isso que achamos a cidade mais bela e nobre quando escurece, e as lampadas ainda não foram acesas e sobre milhares de gentes e carros sentimos o largo manto maternal do céu, onde se desenha o galope de linhas das montanhas que avançam para o mar.

Todos os meus amigos escultores estão graves. Sonham com o monumento a Rui; voltam-se atentos e mudos para o pequeno homem que passeia à sombra de muralhas e livros, balbuciando proparoxítonos fulgurantes.

Só os tontos não percebem que o fato culminante da política internacional dos últimos anos foi o estabelecimento de nossas relações com a Índia, graças ao qual a neta de Rabindranath Tagore pôde trazer para o Brasil o original de um poema até hoje publicado unicamente em Calcutá; e como, graças a Deus, Portugal é uma feia ditadura, temos entre nós, ancorada e casada com o poeta Murilo Mendes, a Maria da Saudade Cortesão que traduziu esse poema em seu calido e limpo português. Foi esse poema que apareceu no domingo como um diamante. Ele conta a lenda de Ahalya, "abatida pela maldição em meio ao tumulto do amor", e essa anedota sensual e divina vem do fundo de milênios para nos comover.

Entretanto, as pessoas se movem; Clovis Graciano surge nos grave, de colete; dois moços poetas, Paulo e Marcos, um Mendes Campos, outro Konder Reis, voam no dia 14 para a primavera de Paris; Araci de Almeida ressurgiu vestida de negro cantando Noel; Lauro Boamorte relembra, através de uma densa feijoada, versos de Orestes Barbosa que nem Orestes Barbosa mais lembra — e fala de Silvio Caldas, e explica que o carro de Noel Rosa ("por que não ouves o grito tão aflito da buzina de meu carro?") era o taxi de um "chauffeur" amigo, da Vila.

Depois há uma certa tristeza e uma certa confusão e Newton Freitas e Lincoln S. Machado relembra a velha dona de pensão, da rua São José de antigamente, que perguntava se o dia seguinte era feriado e todos diziam que não, e ela dizia: "pelo sim, pelo não, é ajantarado"; e J. Etienne Filho conta a história do rapaz tímido a quem a mãe da namorada perguntou que fita estava passando no Metro, e a fita era Numa Ilha com Você, e o rapaz disse com respeito Numa Ilha com a Senhora.

Rimos dessas e outras evocações pueris; mas a sombra dos tempos anoitece nossas temporas, e a noite velha anda com visível cansaço para o desmancho da madrugada.

10.5.49

RN 75

FLU

Pasquim

235

137